

Exportar vira prioridade

Comércio exterior ganha destaque no discurso eleitoral

RODRIGO ROSA

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

BRASÍLIA – Política industrial e substituição competitiva de importações. Esses dois temas, em segundo plano durante o governo Fernando Henrique Cardoso, ganharam destaque na campanha eleitoral. Pressionados pela necessidade de acumular reservas cambiais, todos os candidatos à Presidência da República anunciam que irão incentivar as vendas de produtos brasileiros em outros países e estimular a fabricação interna de produtos atualmente trazidos do exterior. Objetivo: trazer dólares para o país e diminuir o gasto de moeda estrangeira em compras do exterior.

O próprio governo acaba de traçar planos de política industrial para nove setores: automobilístico, telecomunicações, eletrônica de consumo, bens de capital seriados, papel e celulose, petroquímico, transformadores plásticos, farmacêutico e siderurgia. O foco será substituir importações pela produção nacional, mas também serão apontadas medidas na direção de aproveitar o potencial exportador de cada setor. O objetivo é reformular a cadeia produtiva, privilegiando

do a utilização de componentes nacionais, com garantia de permanente “competitividade” dos setores. “Há uma visão clara no governo e no setor privado de que não se pode repetir os erros do passado”, afirma o secretário-executivo da Câmara de Comércio Exterior, Robério Oliveira Silva.

Um dos aspectos é o estabelecimento de prazos fixos para a concessão de incentivos a setores específicos. Outro é evitar mais proteção tarifária. “Não se pode dar benefícios eternamente nem fechar a economia”, explica Robério. Outras cadeias produtivas, como café, madeira e móveis, e couro e calçados, também deverão ter planos próprios de desenvolvimento até o fim deste mês. A tarefa de implementação, no entanto, ficará para o próximo governo. “Será um primeiro conjunto de medidas na área de política industrial para o próximo presidente”, diz o secretário-executivo da Camex.

Esse deve ser um dos objetivos da política de comércio exterior nos próximos anos, avalia a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. No documento *Brasil de todos nós*, publicado recentemente pela entidade, o desafio será fazer com que as exportações cresçam acima das importações – o que não foi possível na maior parte da

era Fernando Henrique. A entidade calcula: as vendas para o exterior deverão crescer ao menos 10% a cada ano, enquanto as importações poderão aumentar no máximo 7% anuais. Ao fim, uma meta: a obtenção de um saldo comercial de US\$ 16 bilhões até 2006.

Metas são importantes, mas é preciso divulgar números factíveis, dizem especialistas. Há três anos, o governo anunciou que iria exportar US\$ 100 bilhões em 2002. Com sorte será possível chegar aos US\$ 60 bilhões ao fim deste ano. “O governo demorou para descobrir que a saída para o crescimento sustentável é vender para o exterior e substituir importações competitivamente”, critica Júlio Sérgio Gomes de Almeida, diretor

executivo do Instituto para o Desenvolvimento Industrial. Enquanto isso, a sobrevalorização do real durante o primeiro mandato de Fernando Henrique pulverizou o saldo comercial. E a reformulação do sistema de impostos para aumentar a competitividade das exportações não avançou o necessário. “O governo não quis gastar energia suficiente no Congresso para aprovar a Reforma Tributária”, diz o presidente da Associação Brasileira de Comércio Exterior, Primo Roberto Segatto.

Urgência de política industrial domina discurso de candidatos